FACES E INTERFACES DA FAMÍLIA NO OLHAR DOS IDOSOS¹

Vania Herédia*

Nives Sirena**

“Estamos todos convencidos de que os tempos mudaram.”

Pedro Beltrão

Resumo

O objetivo desta análise é trazer para discussão o papel da família no enfrentamento do envelhecimento. Apesar de ser um tema atual, percebe-se uma série de contradições na visão que os idosos têm da família e das expectativas que estabelecem nas relações familiares. A proposta deste estudo nasceu da disciplina de graduação “Longevidade: vida e sociedade”, que ocorre semestralmente na Universidade de Caxias do Sul, oferecida pelo Departamento de Educação, no módulo que trata dos aspectos sociológicos do envelhecimento. Dessa maneira, surgiu o interesse em responder às dúvidas apresentadas pelos alunos na interação em sala de aula, seguindo a proposta de ensino e, ao mesmo tempo, com a intenção de motivá-los no aprofundamento de questões pertinentes ao envelhecimento humano, pensou-se na elaboração de um estudo exploratório que pudesse propiciar ao aluno o contato com idosos de forma individual e espontânea. A amostra foi intencional, e os alunos entrevistaram idosos que não eram do mesmo grupo familiar, com o objetivo de conhecer como vêem a família e em que situações percebem sua importância. O estudo, de natureza qualitativa, utilizou o método análise de conteúdo. Das narrativas dos idosos foram construídas categorias analíticas que refletem sua relevância. A pesquisa, além de apresentar uma discussão conceitual, apresenta a percepção que os idosos têm da família e as contradições decorrentes de suas experiências nessa unidade social.

Palavras-chave: Família. Envelhecimento Humano. Relações Familiares.

¹ O estudo nasceu da disciplina “Longevidade: vida e sociedade”, oferecida pelo Departamento de Educação, coordenada pela Prof.^a Ivonne Assunta Cortelletti. O número de entrevistados foi de 238 idosos no período de três anos, equivalente à oferta da disciplina em seis semestres. O estudo tem caráter exploratório de natureza qualitativa e utilizou como método a análise de conteúdo.

* Professora-Titular no Departamento de Sociologia da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestre em Antropologia e Doutora em História Social pela Università degli Studi di Genova, Itália. Coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da UCS. E-mail: vheredia@terra.com.br

** Acadêmica do Curso de Serviço Social da UCS e bolsista de Iniciação Científica do CNPq.

1 Discussão Conceitual dos Diversos Olhares sobre a Família

A sociedade sofreu no último século transformações de ordem estrutural. A industrialização da sociedade, o processo de urbanização, a revolução tecnológica, a passagem da sociedade agrária para a sociedade urbano-industrial, a construção da sociedade democrática, o fim do regime escravista foram mudanças históricas que afetaram as instituições sociais, alterando de forma significativa o modo de vida coletivo. A família² foi uma das instituições que sofreu o impacto dessas transformações, que pode ser avaliada pela mudança na forma de sua constituição, na dimensão atribuída pela sociedade, na manutenção das relações familiares, na mudança do próprio ciclo familiar³.

A família nuclear, que substitui a família patriarcal, enfrenta muitas ambigüidades e contradições. Ao invés de manter-se em torno de um núcleo comum, baseado em relações de parentesco, sustentado por laços de sangue, em que ao chefe da família cabe a definição de todas as atividades do grupo, o modelo de família nuclear enfrenta dificuldades com a estrutura da autoridade, com as relações sociais e com o grau de sociabilidade.

Na família patriarcal, as relações familiares eram estabelecidas pela racionalidade, não levando em consideração questões sentimentais e afetivas. Esse modelo marcou a vida de seus membros pela imposição da aceitação de regras e normas e pela manutenção de costumes e tradições do grupo, o que representava aos membros uma condição de estabilidade estrutural. O pai assumia o comando do grupo, e as relações sociais eram garantidas por meio do princípio da autoridade. A família supria as necessidades básicas e com essa condição preservava a subordinação e a obediência dos filhos. O fato de os membros do grupo coabitarem no mesmo local, criava uma relação de dependência em torno do grupo, ao contrário da precoce emancipação dos filhos de fa-

² Veja-se Beltrão (1973, p. 20).

³ Segundo Le Play (GUBERT; TOMASI, 1991), as mudanças na família foram provocadas pela industrialização e pela urbanização, que facilitaram a transferência dos papéis que ela cumpria para outras instituições sociais. Com uma abordagem de cunho moral e cristão, esse autor contrasta a família patriarcal com a família instável, que acredita ter se expandido devido a mudanças econômicas, e não, políticas. As inovações melhoraram a vida material, mas desorganizaram a vida moral na fragmentação social e na substituição da tradição por novos valores. Le Play (GUBERT; TOMASI, 1991) considera a família como base de uma estrutura social, suporte e meio no qual os indivíduos estabelecem as relações sociais fundamentais. Essa visão é parte de uma interpretação que atribui às mudanças materiais a fragmentação da vida em grupo.

mília nuclear, que acabam saindo de casa, antes mesmo do casamento, para enfrentar o mundo do trabalho. Dois outros traços que marcaram a estrutura patriarcal: a prole numerosa e a idade precoce dos matrimônios.

A estrutura da família patriarcal entrou em crise, e os jovens não se sujeitavam de forma passiva à imposição dos pais em relação ao seu futuro, às suas escolhas e aos seus desejos. Queriam ter sobre si a decisão de seus destinos, a começar pelo casamento. A família patriarcal, numerosa e monolítica, submetida ao arbítrio do chefe, foi enfraquecida e substituída pela família nuclear, menor e mais flexível nas relações entre seus membros.

O aspecto mais importante das mudanças operadas na família, no século XX, foi certamente o início do processo de emancipação feminino. A mulher sai do espaço doméstico e ingressa de forma efetiva no trabalho produtivo, e sua presença conquista o avanço nas diversas profissões que assume. A emancipação da mulher é um fator de mudança na família, visto que sua entrada no mundo do trabalho formal traz repercussões significativas para a instituição família e para a instituição casamento.

A família nuclear se estrutura em novos critérios e tem características de ser uma família individualista, instável, urbana, que se organiza a partir da idéia da união romântica. O fato de ser mais aberta, em contraposição à família autoritária e autocrática, propõe relações de equidade e justifica-se na igualdade entre marido e mulher, no consenso entre ambos em tomar decisões comuns tanto em relação à educação dos filhos e ao envolvimento contínuo com esses, quanto no que diz respeito às suas necessidades e à coexistência de interesses e atividades comuns (ZAMBERLAM, 2001).

As emoções são as condições para sua existência, e a persistência dos vínculos estabelecidos pelo casamento depende cada vez mais dos laços afetivos, da compatibilidade de afinidades e interesses comuns, marcados pela troca e pelo diálogo. A promoção pessoal de seus membros substitui a conformidade de deveres e a tradição da família patriarcal. A escolha dos pares é opção dos próprios indivíduos, e essa se dá a partir da adaptação pessoal, marcada pela livre-escolha de cada um dos membros.

2 A Família como Unidade e como Estrutura

“A unidade social mais restrita é representada pela família composta de pais e filhos.” O conceito do antropólogo Birket-Smith (1975, p. 9) mostra que a sociedade criou bases de ordem fisiológica quando trata da família nos planos social e econômico para expressar as manifestações de ordem reprodutiva e de ordem econômica quando as associa como tais. Esse conceito básico de unidade social é frequentemente usado como referência de estrutura social e de instituição social.

Dessa maneira, a discussão feita neste estudo parte da idéia de que é necessário olhar para as funções que a família tem nos processos sociais e, ao mesmo tempo, se for vista como estrutura, identificar as relações sociais que estabelece para acompanhar as transformações sociais. A discussão sobre a família pode ser tratada por abordagens sociológicas distintas. No modelo funcionalista, o papel tradicional que foi delegado à família, como instituição social, encontra no modelo patriarcal formas objetivas de realização. O modelo impunha uma série de papéis que garantiam a manutenção do grupo familiar como instituição social. As funções tradicionais eram mantidas sem a possibilidade de um questionamento maior sobre sua própria funcionalidade. Cabia à família a responsabilidade de prover o sustento do grupo, de promover a educação e a integração com os demais grupos sociais, a religiosidade e a religião. A família assumia *a priori* as funções sociais que a sociedade lhe delegava e era responsável pelos resultados dessas atribuições. As funções econômica, educativa, religiosa, recreativa, reprodutora eram resolvidas em âmbito familiar, de forma coletiva. O modelo implicava uma relação entre os membros, baseada na autoridade paterna, na obediência e na submissão dos membros diante do poder do chefe da família.

Segundo Beltrão (1973), a família nuclear substitui a família patriarcal, proporcionando mudanças nos papéis e nas exigências acerca dos mesmos. As funções tradicionais são supridas por instituições externas que acontecem fora da família. As funções continuam a existir, mas são delegadas a outras instituições, para que possam realmente ocorrer. Entretanto, o homem, ao repassar as responsabilidades das instituições dos quais participa, acredita que pode também manter o controle sobre as mesmas, o que nem sempre ocorre.

Através da identificação dos papéis sociais, as alterações sofridas são passíveis de observação. O papel **econômico** da família é alterado quando a família trabalha fora do ambiente doméstico e quando todos dividem responsabilidades. O papel econômico mostra que “[. . .] não era a família que vivia e trabalhava em função de seus membros, em função das crianças, mas, ao contrário, todos os membros viviam em função do grupo familiar, como tal.” (BELTRÃO, 1973, p. 53). A função econômica representa o elemento de integração das relações familiares, e a necessidade de sustento é o fator de relação. A estabilidade econômica é mantida pela força das relações sociais existentes a partir da divisão do trabalho estabelecida. A função econômica da família, como centro produtivo, é alterada após a passagem de sociedade agrária para urbana, quando diminuem o número de membros e a própria estrutura da habitação.

À medida que assume papéis sociais fora do grupo, a mulher altera o equilíbrio que era mantido pela sua presença na família e pelo trabalho doméstico que realizava. A emancipação feminina afetou essa ordem, e a passagem do trabalho doméstico da mulher para o profissional repercutiu na mudança dessas funções. A mulher muda sua imagem social e necessita freqüentar os ambientes educacionais que antes estavam restritos aos homens, para poder entrar na divisão do trabalho. Essa nova condição da mulher lhe deu status, e ela se associou ao marido no exercício da autoridade.

Quanto ao papel na **educação** dos filhos, esse é repassado para a escola que tem a função de socialização, mas que sozinha não consegue moldar o indivíduo, pois ocorre a influência dos pais. As ações sociais de seus membros, suas práticas rotineiras, sua maneira de pensar e de sentir e, principalmente, as incoerências e inconstâncias marcam a educação da criança de hoje. A família é o ambiente no qual a criança adquire as noções da vida social, seus direitos e seus deveres e forma seus primeiros juízos. Quando a criança nasce, permanece por pouco tempo em contato com os pais, e quem cuida da criança passa a ser uma instituição que oferece seus serviços, para ajudar sistematicamente a família sem a intenção de substituí-la. Esse é o papel das creches, das escolas maternas. Com isso, em consequência, constata-se uma forte tendência por parte da família de eximir-se de sua tarefa educativa, o que leva a pensar os motivos da ausência ou do não-cumprimento de

certas responsabilidades ante a educação básica das crianças. Percebe-se a estreita relação que deve existir entre essas duas instituições, no sentido de garantir funções já estabelecidas.

Se a escola não consegue cumprir seu papel na educação das crianças, a família também não. Há uma mútua delegação de responsabilidades, e as instituições esperam uma da outra o cumprimento das funções. O fato de os pais, muitas vezes, delegarem à escola a responsabilidade total da educação de seus filhos, cria uma expectativa que não é correspondida. A escola tem ciência de que só cumpre seu papel com o auxílio da família e não toma para si as responsabilidades que não são dela. Entretanto a família responsabiliza muitas vezes a escola pelas atitudes de seus filhos.

No que concerne ao papel da **religião** na família, há também esse repasse para as instituições religiosas ou educacionais. Espera-se desse espaço que lá a criança tenha uma orientação adequada para enfrentar os problemas que o mundo apresenta. Há novamente o repasse relativo à formação de princípios éticos e religiosos que o mundo impõe para a sua inserção na sociedade, acreditando que a criança aprenderá a se posicionar através deles.

Outro papel, não menos importante, é o da **reprodução** (BELTRÃO, 1973). Esse também foi muito forte na família patriarcal. Entretanto a família nuclear já modificou essa função, fato comprovado no perfil epidemiológico da população. A diminuição da mortalidade infantil, a diminuição da fecundidade, os avanços tecnológicos nas áreas sanitárias permitiram um aumento na expectativa de vida, fazendo com que ocorram mudanças nas funções reprodutoras da família. A família patriarcal é substituída pela família nuclear, cuja prole cada vez é mais reduzida, principalmente naquelas famílias que fazem planejamento familiar.

O reconhecimento da família por parte da sociedade contemporânea mostra os papéis (ZAMBERLAM, 2001) que ela teve historicamente e, ao mesmo tempo, a necessidade de adequação a novas demandas que surgiram com as próprias transformações sociais, com o intuito de resguardar a manutenção do grupo.

Segundo Beltrão (1973), as funções institucionais da família deslocaram-se em grande parte para entidades diversificadas, quer particulares, quer públicas. Esse autor afirma que restou para a família qua-

se exclusivamente as funções pessoais que se restringem às funções dos cônjuges, dos pais e dos irmãos. Na visão desse autor, a estabilidade da família contemporânea apóia-se precisamente sobre o equilíbrio entre essas funções pessoais.

Diante dessa contextualização, percebe-se a forte fragilidade dos jovens casais de enfrentar situações decorrentes das exigências sociais, o que resulta em relações tensas, desequilibradas, à procura de satisfações fora do eixo familiar, relações tipicamente egoístas, que não medem as conseqüências na promoção de suas ações. O problema agrava-se pelo fato de que a família se dispersa em atividades diversas, ditas como necessárias para o sustento do grupo, atividades no trabalho, na profissão, nas distrações culturais e até nos interesses políticos. A convivência dos membros do grupo familiar se reduz a poucas horas de repouso e, em grande parte do tempo, reside no estar fora de casa.

Uma outra forma de ver a família é elaborada a partir da abordagem crítica baseada na história da família e na história da sociedade. Essa abordagem mostra que a família se desenvolve junto com a idéia de propriedade privada (ENGELS, 1980), quando o homem fixa residência e estabelece o domínio de seu território. Nessa abordagem, os problemas que a família enfrenta não são apenas morais ou religiosos, mas de natureza social, pois nascem do próprio desenvolvimento da sociedade. A filosofia que rege a sociedade capitalista está baseada na individualização das pessoas e das famílias, e o ônus é demasiado elevado quando se trata das conseqüências dessa filosofia, pelo desgaste que ela proporciona nas relações sociais.

Segundo Guareschi (1986), a família pode ser um agente de transformação à medida que consegue estabelecer e criar relações sociais igualitárias, baseadas no diálogo, já que a família é responsável pela estruturação da personalidade de seus membros. Para as crianças, a família é praticamente o mundo, delimitando as fronteiras dentro das quais se dá a educação e se transforma o conhecimento das coisas. A família é a instituição que repassa a cultura e, dessa forma, dá o tom sobre a convivência social nos ensinamentos que transmite aos filhos com o fim de inseri-los no mundo.

A família estruturada pode ajudar a construir o espaço daqueles que precisam de ajuda, que não têm a possibilidade de ser compreendidos e de entender a importância dos sentimentos. Os filhos, quando

convivem com pais capazes de experimentar atitudes de perdão, possuem a compreensão das situações conflituosas e não ficam temerosos de dialogar sobre seus atos, suas dificuldades e suas dúvidas, adquirindo na caminhada da vida segurança para enfrentar aquilo que se apresenta como desafios. O ato de perdoar é fundamental na convivência familiar, porque fortalece e amplia a capacidade de melhor compreender.

O dilema que enfrenta a família pela instabilidade que vive reflete o questionamento de padrões, normas e valores que eram aceitos e que, no momento em que são questionados, revelam insegurança e incerteza sentimentos típicos vivenciados tanto pelos pais quanto pelos filhos. A crise das gerações, na instabilidade do cotidiano e na falta de condições de definir os limites entre o permitido e o proibido, cria a sobreposição de papéis: o filho vira pai, e o pai perde sua posição de responsabilidade. É necessário ressignificar os valores atribuídos pela sociedade e, ao mesmo tempo, recriar algumas instituições, tirar as velhas roupagens e criar uma consciência nova acerca da própria mudança que vive a família e do conflito intergeracional que afeta sua estrutura.

3 Estratégia Metodológica

O estudo, de natureza qualitativa (MINAYO, 2004), utilizou o método análise de conteúdo, baseado nos estudos de Roque Moraes ([entre 1982 e 1999⁴]; 1994). Das narrativas dos idosos foram construídas categorias analíticas que refletem o que o idoso pensa sobre a família a partir de suas experiências pessoais. O *corpus* dessa pesquisa foi construído pelas narrativas dos idosos entrevistados que se encontram à disposição no banco de dados do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da Universidade de Caxias do Sul. A estratégia metodológica utilizada na pesquisa empírica foi de orientar os alunos para a realização da entrevista, que teve como foco central, duas perguntas: como os idosos vêem a família e em que situações percebem a sua importância? A amostra foi intencional, e os alunos entrevistaram idosos que não eram do mesmo grupo familiar, acima de 60 anos, que quisessem participar dos relatos. O tamanho da amostra foi de 238 sujeitos. Cada aluno entrevistou dois idosos, sendo um homem e uma mulher de faixa etária

⁴ MORAES, Roque. *Tempestade de Luz*. Porto Alegre: PUCRS, [entre 1982 e 1999]. Texto mimeografado cedido pelo autor.

distinta, tendo a representação de gênero e de idade observada. Nos seis semestres acadêmicos em que ocorreu a disciplina “Longevidade: vida e sociedade”, esse procedimento metodológico foi utilizado. Os sujeitos entrevistados são procedentes de áreas urbanas e rurais; tinham, na época da entrevista, experiências familiares e provinham de classes sociais distintas conforme registro de identificação de cada entrevista.

4 Análise dos Achados

A família, no olhar dos idosos, é uma instituição que permite responder às necessidades básicas que lhes são impostas. As categorias de análise⁵ que nasceram das narrativas dos idosos, apontam para a concepção que os idosos têm da família e de como eles a vêem. Dessas narrativas espontâneas, que formaram o *corpus* deste estudo, emergiram categorias que refletem as percepções que os idosos têm sobre a família e que são: a ação educativa da família, o senso de provedor, a função reprodutora, o sentimento de união e a promoção de felicidade.

A categoria **ação educativa** reflete os diversos significados atribuídos à família pelos idosos. Esses significados comprovam atitudes e crenças que os idosos têm e representam valores apreendidos em suas histórias de vida. O tema *educação* aparece com diversas conotações imbuídas de responsabilidade, de valor ético, de senso de família e com a forte idéia de que a educação é fundamental na vida dos indivíduos. Educar tem o sentido de dar bons exemplos, de transmitir, de repassar e preservar valores; de transmitir ensinamentos em forma de experiências e de desenvolver conhecimentos acerca do ser humano. Aparece ainda com a idéia de formar o indivíduo e formar o caráter dos indivíduos. Nas falas a seguir, as descrições elucidam essas conotações:

“O papel da família é dar uma formação equilibrada aos filhos, ajudar a encaminhá-los para o desenvolvimento intelectual, moral, religioso, cívico e ético...” (Viúva, 72 anos).

“O mais importante que eu fiz foi dar exemplo para meus filhos serem honestos e trabalharem para ter as coisas.” (Casado, 67 anos).

⁵ O método utilizado neste estudo exploratório foi análise de conteúdo. O estudo de natureza qualitativa aponta para as percepções que os idosos têm sobre o objeto da pesquisa. Essa metodologia permite entrar nas questões que permeiam a subjetividade dos idosos, quando olha para suas falas e delas extrai os significados que eles atribuem à família. As categorias de análise não foram construídas a priori, mas nasceram das próprias percepções que os idosos descrevem na entrevista.

“A família é o primeiro contato que temos com valores morais e éticos, que nortearão nossa vida em todos os segmentos.” (Casado, 61 anos).

“O papel da família é fundamental [. . .] [para] passar ensinamentos, dar conselhos.” (Casada, 60 anos).

O papel da família é de extrema importância para interferir na formação e no comportamento de um indivíduo em sociedade, pois nela se encontra a base da educação, da valorização do ser humano, da dignidade e também cria no indivíduo um compromisso de levar e passar para seus descendentes a criação que teve de sua família. (Casado, 75 anos).

As falas mostram que os idosos acreditam que a educação é um meio de desenvolver a capacidade do ser humano na busca de sua integração na sociedade, de forma individual e coletiva. Esse conceito indica que os idosos acreditam na educação, e que ela é a responsável pela mudança social. Afirmam que cabe à família, por meio da educação, a formação do caráter, do comportamento, dos princípios. Isso expressa a visão de que é a família a formadora de valores que o ser humano carrega ao longo de sua vida. As falas incluem, ainda, a idéia de transmissão de ensinamentos, que dá qualidade à educação, no sentido de que a família tem responsabilidades sobre os seres que gera, e cabe a ela esse papel de transmissão de valores humanos, marcados pela ética, pela moral e pelo sentimento de religiosidade. A família é o elemento de interiorização dos valores culturais porque faz a interação do indivíduo com os padrões de cultura.

Na categoria **senso de provedora**, os depoimentos mostram que a função econômica da família é muito forte entre os membros do mesmo grupo. A noção de provedor, de suporte econômico e financeiro, de responsável pelo suprimento das necessidades físicas e sociais denota o peso que a família tem para atender às demandas nascidas em seu próprio seio.

É importante salientar que o idoso percebe que sua presença na família faz parte do sustento da mesma, e que sua renda, seja ela fruto de aposentadoria, seja de pensão, auxilia o sustento do seu grupo. Esse tipo de relato testemunha a importância que a família atribui ao seu

idoso, quando o vê como membro ativo no interior do contexto familiar. A concepção de provedor faz parte dos valores herdados por esses idosos, ou seja, de que a família é responsável pelos seus membros e tem a obrigação de suprir suas necessidades. Essa concepção remete à divisão do trabalho na família patriarcal, cujos membros respondem às demandas familiares. Os pais definem as funções dos filhos e têm poder sobre eles, marcando relações de autoridade definidas e de submissão de uns em detrimento do poder de outros. Essas marcas na família atual são indicativas, uma vez que não desapareceram por completo, já que os idosos continuam sustentando os filhos e, muitas vezes, sua renda é a única que é fixa na família.

A família com senso de provedora deriva de uma cultura em que a geração de idosos acreditava que a família tinha que suprir as necessidades individuais do grupo e, ao mesmo tempo, promover essa manutenção. Em outras culturas, a possibilidade de realização de um casamento, ou a formação de uma família, como é o caso dos esquimós, a consumação do rito acontecia apenas quando ele (o noivo) fosse “[. . .] capaz de sustentar uma mulher com os produtos de sua caça.” (AKOUN, 1972, p. 167). O exemplo mostra a responsabilidade que o homem tinha para com a mulher no momento em que definiam o casamento. A norma pressupõe que a formação do grupo implica a possibilidade de seu sustento e, conseqüentemente, essa concepção traz inerente a responsabilidade do sustento.

[. . .] Tem muitas famílias que pensamos que estão às mil maravilhas e não é bem assim; têm muitos problemas financeiros. Dizem que o dinheiro não traz felicidade, mas quando os pais podem ajudar é melhor. O dinheiro traz felicidade porque a pessoa pode viver melhor. (Viúva, 70 anos).

“[. . .] Algumas vezes a ajuda econômica é imprescindível.” (Casada, 75 anos).

“A família é prioridade, mesmo com problemas financeiros, nunca deixei de atender nenhuma necessidade de cada filho, sempre pude dar o básico.” (Casada, 70 anos).

As falas dos idosos mostram que consideram a família como responsável pelo sustento da casa e de não deixar faltar nada para os

filhos. Dessa forma, aponta para os papéis econômico, financeiro, ao mesmo tempo em que os relaciona com o conforto que trazem. O imperativo econômico aparece com certo vigor quando os idosos dizem que é da família a responsabilidade de suprir as necessidades econômicas. Um aspecto que se destaca no senso de provedora é o cuidado que os idosos esperam da família, seja como cuidadora, seja como objeto do cuidado. Expressam que a família é o local em que ocorre ajuda mútua e que ela pode oferecer aquilo de que necessitam, ou seja, amparo, apoio, conforto, convivência e segurança. Identificam alguns limites que a idade lhes traz, principalmente na necessidade de cuidados, que entendem como natural que seja a família que deva responder por eles.

O **sentimento de união** é uma categoria que fala de sentimentos presentes na família. A união é um sentimento que os idosos acreditam ser necessário na família. Mesmo que muitos expressem que não têm união em sua família, gostariam que tivesse. A união para eles é a condição para manter o sentimento que une seus membros por laços de parentesco e de afeto. Os laços estabelecidos pelo parentesco são laços reais, que existem a partir dessa relação e que ajudam a entender a própria organização social através dos hábitos do grupo, dos costumes, das tradições e dos valores. Entretanto, na união estabelecida pelos vínculos afetivos, não basta ter laços de parentesco oriundos do casamento. Pressupõe vínculos definidos pelas relações afetivas, afinidades e relações estabelecidas entre os membros, os que perpassam obrigações sociais. É oportuno discutir que, em algumas famílias atuais, formadas por diversos casamentos, esses laços podem ser mais efetivos que laços de parentesco. Mesmo assim, é necessário esclarecer que o parentesco é um sistema reconhecido em todas as sociedades, seja por parte materna, seja por parte paterna, valendo a descendência do mesmo antepassado. Portanto, “[. . .] a forma pela qual a sociedade identifica e designa os parentes é uma parte integrante do seu sistema de parentesco e pode prontamente ser diagramada como uma espécie de árvore genealógica.” (TITIEV, 1966, p. 234). O sentido da ancestralidade dá a idéia de continuidade da vida e ao mesmo tempo de ligação entre os membros a partir da reprodução.

Para mim o papel da família é a união. A coisa mais linda do mundo é uma família fazer de tudo para ficar unida, rezo sempre para minha família ficar

unida, pois é importante a família ter um vínculo cristão, uma religião. Infelizmente essa união não existe na minha família. (Viúva, 84 anos).

O **papel da reprodução** também aparece com certo destaque. Nas falas, os idosos mencionam que a família é o espaço da continuidade da vida, da reprodução, da ligação com o mundo, da perpetuação. No fundo, essas falas apontam para o entendimento do conjunto da vida: inclusão do passado, aceitação do presente e visão de futuro. Falam do amor, do convívio, da felicidade e da continuidade. A reprodução não é tratada apenas sob o aspecto biológico, mas principalmente pelo aspecto social que inclui valores, tradições, crenças e também relações.

“A família representa uma continuidade da vida.” (Casada, 75 anos).

“A família representa um convívio agradável. Representa a valorização das experiências e do conhecimento adquirido, é também uma forma de perpetuação.” (Casado, 62 anos).

“A família tem o papel de continuação da humanidade. O papel da família é dar amor.” (Casado, 80 anos).

“A família é tudo para mim, é a coisa mais importante do mundo. É algo que possui um imenso valor. Nela é que acontece a renovação, quando nasce e cresce...” (Viúva, 80 anos).

Uma categoria que reúne uma série de emoções é a categoria que fala dos **sentimentos**. Amor, afeto, ajuda, proteção são sentimentos que os idosos valorizam em suas falas. Dizem que esses sentimentos dão significado às suas vidas.

“A família é a minha base. Eles me ajudam com algumas coisas que eu esqueço, me dá amor, carinho...” (Viúva, 84 anos).

“Na família as pessoas vivem ligadas por laços de sangue e afeto.” (Solteira, 60 anos).

“A família é a base de uma vida sólida, bem-estruturada, com base na amizade, companheirismo, ajuda mútua e traz segurança.” (Casada, 63 anos).

“Para mim, a família é tudo. Com eles me sinto amada e segura. A família significa segurança, proteção, amor, amparo [. . .] É na família que se encontra a força de viver.” (Casada, 85 anos).

A família é o espaço de **promoção da felicidade**. Essa idéia

aparece com frequência nas falas dos idosos. O significado que eles estabelecem para essa categoria se encontra na idéia de que a família é a base para a felicidade, é o lugar da realização, é o espaço de promoção do bem-estar social, da construção da confiança, da auto-estima e do equilíbrio pessoal. Na literatura atual acerca da gerontologia (WALTER, 1999), aparece em alguns estudos essa idéia de que aqueles idosos que contam com a família enfrentam os problemas do envelhecimento de forma mais sutil, com aceitação e com reações mais positivas. Essas manifestações podem refletir-se sob formas de subjetividade e também em questões de saúde psíquica. Dessa maneira, manifestam-se em idosos, quando prevalece experiências de sentimentos positivos, expressos na vida cotidiana, como bom-humor, alegria, prazer e a certeza de que fez da melhor maneira aquilo que tinha que ser feito, dando um sentido de realização.

“Para mim a família é o vínculo do meu ser. Ela dá equilíbrio emocional e é a base para ser feliz, fortalecendo as amizades, a própria sociedade e principalmente a família.” (Casada, 65 anos).

“Ela é a base para sermos felizes. Esse é o papel da família.” (Viúvo, 68 anos).

Alguns autores como Mayring (1987) acreditam que o idoso que está satisfeito possui um elemento positivo forte de subjetividade. Para essa autora a felicidade representa o conceito mais amplo de bem-estar. Essa idéia aparece com vários desdobramentos que podem ser interpretados como satisfação, realização e tranquilidade. Mayring (1987), em seus estudos, afirma que o conceito de bem-estar subjetivo é constituído de quatro componentes: prazer, contentamento, felicidade e libertação das cargas. Esse enfoque coloca no sujeito a força de buscar satisfações pessoais em sentimentos que ele valoriza em si próprio e, ao mesmo tempo, que lhe dão a convicção de que sua vida não poderia ser gerida melhor do que está, remetendo a autores que estudam os ciclos da vida como Erik H. Erikson e Charlotte Bühler, entre outros. Erikson (1998) é um dos teóricos da psicologia do desenvolvimento, muito utilizada na análise dos ciclos de vida. Ele tem sido referência para estudos sobre envelhecimento, porque, ao analisar as etapas do desenvolvimento do homem, identificou as características de cada fase nos planos cognitivo, afetivo e social.

Muitos idosos afirmaram que “a família é tudo”. Essa afirmação

expressa o significado que muitos atribuem à família quando a vêem como síntese de todas as possíveis funções, e com a idéia de que representa tudo na vida deles. Essa fala é expressiva, pois tem a intenção de incluir todos os aspectos que envolvem a vida e, ao mesmo tempo, que não conseguem explicar o que é esse tudo, podendo, na sua negação, expressar os contrários. Dessa maneira, as falas que apontaram para essa afirmativa foram muitas, o que comprova a dificuldade de falar sobre algo que é importante.

“A família é tudo na vida de uma pessoa. É a base do indivíduo.” (Casada, 67 anos).

“A família para mim é tudo, é que me dá razão para viver.” (Casada, 68 anos).

“Minha família é a coisa mais importante na minha vida. Amo meus filhos e netos. São meus companheiros e meus amigos.” (Casado, 68 anos).

Mesmo que algumas falas não tenham tido a força de que necessitavam para construir as categorias de análise, uma concepção apareceu com clareza a respeito das mudanças históricas que a família enfrenta e da relação com o modelo anterior de família. Segundo os depoimentos citados a seguir, há uma consciência em relação aos papéis sociais e às mudanças neles ocorridas.

Hoje, está tudo tão diferente. Para mim, continua como antes, ou teria que ser como antes, no modelo tradicional de família, dava mais certo. As pessoas tinham mais respeito pelos outros. Hoje está tudo tão diferente, mas tudo muda. Nós temos que tentar acompanhar para não ficar isolados, para trás. Eu procuro ficar atento às mudanças; é difícil, mas necessário. Mas tenho saudade da família de antigamente, havia mais compreensão, mais responsabilidade na família, hoje não, é um casa/separa, ninguém quer nada com nada, mas se essa nova maneira é boa ou ruim, só o tempo dirá, ou já está dizendo. (Viúvo, 71 anos).

A família tem um papel essencial na sociedade, ela é a base. Sem a família bem-estruturada é impossí-

vel a educação dos filhos. Sou de um tempo em que quem mandava era o pai, a mãe e os filhos obedeciam. A coisa andava certa, porque, senão, vinha o castigo de cima para baixo. Sou dessa época e acho que era certo. Nós éramos nove irmãos. Todos casamos e tivemos nossas famílias no mesmo modelo e todos estamos bem. Hoje as coisas estão mudadas, o pai não tem mais autoridade sobre os filhos, as mães trabalham fora, e os filhos são criados pelas mãos dos outros. Esse tipo de família mal consegue manter os filhos por perto e não pode exigir deles uma educação boa, acabam delegando a educação dos filhos para a escola ou avós, que não têm obrigação de educá-los. Portanto, vemos o resultado de tudo isso, muitos jovens estão no mau caminho, as meninas engravidam na adolescência, e os pais são quem acabam criando os netos. Antigamente não era assim. Hoje não se pode exigir família no modelo anterior. Percebo pelo meu neto, nós acabamos cedendo ao que ele quer. (Casada, 75 anos).

Essas falas revelam que os idosos percebem as mudanças ocorridas na estrutura da família, identificam as alterações na natureza das relações no seu convívio, e destacam principalmente as formas de interação entre o grupo e os sentimentos que têm entre os mesmos. A família patriarcal é substituída por uma família mais flexível que não se orienta por uma hierarquia baseada em sexo, idade e por ordem de nascimento.

5 Considerações Finais

Pode-se dizer que o tema *família* é de importância social, principalmente para aqueles que acreditam na possibilidade de construção de uma sociedade melhor, na possibilidade de resgatar valores que ajudem a pensar a coesão da família, valores que, mesmo que pareçam adormecidos, estão no ser humano, pois fazem parte da condição humana.

A mudança que a família sofreu como instituição fez com que novos tipos de família, derivados das transformações sociais do último século, surgissem. A emancipação feminina, o casamento solúvel, o

divórcio, o controle de natalidade, o planejamento familiar, o trabalho profissional, a nova divisão do trabalho foram alguns dos fatores que determinaram o surgimento desses tipos que refletem diretamente novos valores e novas necessidades.

Identifica-se, no discurso dos idosos, que muitos vêem a família como unidade, cumprindo suas funções históricas, desempenhando papéis tradicionais, aprendidos na cultura e preservados pela sociedade. Identifica-se também a mudança social que os idosos percebem na instituição família, quando esperam que ela cumpra os papéis sociais estabelecidos que não estão adequados às suas exigências, porque esses papéis se transformaram e porque a sociedade se transformou.

A riqueza desse estudo está na riqueza das falas dos idosos. Suas falas asseguram que suas experiências são fontes de conhecimento e expressam sentimentos que identificam as condições que a família, como unidade, vivencia para se manter no coletivo. As categorias construídas no estudo revelam a sabedoria presente naqueles que podem olhar para trás e tomar como referência suas experiências, como fonte de compreensão do vivido e falar sobre as possibilidades de mudar a estrada ante as perdas e aos ganhos que foram conquistados com muito sofrimento, dificuldades e obstáculos.

FACES AND INTERFACES OF FAMILY FROM THE ELDERLY'S PERCEPTIONS

Abstract

The aim of this analysis is to bring to discussion the role of the family facing aging. Despite being a current issue, various contradictions are noticed in the view that elderly people have of family, and the expectations they establish in family relations. A proposal for this study was born in the undergraduate discipline "Longevity: life and society", which is offered every term at the University of Caxias do Sul by the Education Department in the module dealing with sociological aspects of aging. This way, the interest was risen in answering the doubts raised by the students during class interaction, following the teaching proposal and, at the same time, intending to motivate students to deepen ques-

tions pertaining to human aging, there came the idea of elaborating an exploratory study that could provide students contact with elderly people individually and spontaneously. Sampling was intentional,¹ and the students interviewed elderly people who did not belong to the same family group, aiming at getting to know how the elderly see the family, and in which situations they perceive its importance. Of a qualitative nature, the study used the content analysis method, and from the narratives of the elderly analytical categories were built which reflect their relevance. Besides presenting a conceptual discussion, the investigation presents the perception the elderly have about family, and the contradictions resulting from their experiences in this social unit.

Keywords: Family. Aging. Relations Family.

REFERÊNCIAS

AKOUN, André. Eskimo. In: _____. *L'anthropologie*. Paris: Dictionnaires Marabout Université, 1972. P.167-169.

BELTRÃO, Pedro. *Sociologia da Família*. Petrópolis: Vozes, 1973.

BIRKET-SMITH, Kaj. *História da Cultura: origem e evolução*. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

ERIKSON, Erik H. *O Ciclo de Vida Completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GUARESCHI, Pedrinho. *Sociologia Crítica: alternativas de mudança*. 6. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1986.

GUBERT, Renzo; TOMASI, Luigi (Org). *L'Influsso di F. Lê Play e della sua Scuola sulla Sociologia Contemporânea*. Trento: Reverdito, 1991.

MAYRING, Phillipp H. Subjektives Wohlbefinden im Alter. Stand der forschung und theoretische Weiterentwicklung. *Zeitschrift für Gerontologie*, Heidelberg, v. 20, p. 367-376, 1987.

MINAYO, Maria Cecília (Org.). *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo: limites e possibilidades. In: ENGERS, Maria Emília Amaral. (Org.). *Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Educação*. Porto Alegre: Edipucrs, 1994. P. 103-111.

TITIEV, Misha. *Introdução à Antropologia Cultural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

WALTER, Helmut. *Vivere la Vecchiaia*: sfide e nuove qualità di vità. L'età d'oro. Roma: Armando, 1999.

ZAMBERLAM, Cristina de Oliveira. *Os Novos Paradigmas da Família Contemporânea*. uma perspectiva interdisciplinar. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

Recebido: 22/12/2006